

PSICOLOGIA, DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS

CLÍNICA

- O psicanalista e os desafios da cultura na contemporaneidade

Priscilla Alves Fernandes dos Santos
Thalita Lacerda Nobre (orientadora)

O psicanalista e os desafios da cultura na contemporaneidade

Priscilla Alves Fernandes dos Santos
Thalita Lacerda Nobre (orientadora)

RESUMO

Este artigo pretende discutir de que maneira as mudanças culturais e sociais impactam na manifestação do sofrimento psíquico. Tem por objetivo discutir também as exigências e desafios que essas modificações produzem no fazer psicanalítico. Para isso, procuramos compor o estudo com as contribuições de Sigmund Freud e do cenário cultural de sua época para depois avançar até os momentos atuais em que as demandas contemporâneas se apresentam de maneira compatível com seu tempo, aliando autores que se propuseram a analisar criticamente as configurações deste contexto.

Palavras-chave: psicanálise; subjetividade; contemporaneidade; saúde mental.

ABSTRACT

This article aims to discuss how cultural and social changes impact the manifestation of psychological suffering. It also aims to discuss the demands and challenges that these changes produce in psychoanalytic practice. To this end, we seek to compose the study with the contributions of Sigmund Freud and the cultural scenario of his time and then advance to the current moments in which contemporary demands are presented in a manner compatible with their time, combining authors who set out to critically analyze the configurations of this context.

Keywords: psychoanalysis, subjectivity, contemporary times, mental health.

Priscilla Alves Fernandes dos Santos - Graduada em Serviço Social e Psicologia. Especialização em Teoria Psicanalítica pela PUC SP - Psicóloga clínica. Mestranda em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Católica de Santos. Docente no curso de Pós-graduação em Psicanálise na Universidade Católica de Santos. Link do lattes: <https://lattes.cnpq.br/3507778433411951>

Thalita Lacerda Nobre - Psicóloga. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas na Universidade Católica de Santos. Líder do grupo interdisciplinar de estudos em Psicanálise e cultura (certificado pelo CNPq). Pós doutora em Psicologia clínica pela PUC-SP. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Pós Graduada em Gestão Estratégica em Recursos Humanos, em Psicologia Organizacional, Psicologia Social e Psicopedagogia clínica e institucional. Link do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9645804359517048>

INTRODUÇÃO

Importantes mudanças culturais e sociais produzem significativos reflexos na subjetividade [1] humana e impactam diretamente os modos de sofrimento, manifestando-se como queixas e demandas na clínica contemporânea. Para corroborar, nos últimos anos, a humanidade tem experienciado novas formas de sofrimento decorrentes das transformações sanitárias, por conta da pandemia ocasionada pelo Covid-19.

Ocorre considerar que, se por um lado, há modos de estar socialmente e também, formas de apresentar mal-estar em detrimento destes modos de viver, por outro lado, a prática clínica revela a escuta do sofrimento humano e denuncia as demandas que surgem na contemporaneidade.

A psicanálise é uma prática terapêutica desenvolvida desde o final do século XIX sendo também atravessada por exigências do mundo moderno. Porém, pensar de que forma a clínica é impactada pelas mudanças de mundo, inicia-se com a importância de reconsiderar do que se trata a psicanálise.

[1] "Este conceito nasce no campo da filosofia do conhecimento migrando no final do século XIX para a psicanálise, de onde passa para os domínios da psicologia ganhando um tratamento histórico, social e político no final do século XX, apontando, a partir de então, para uma problematização dos processos de singularização como foco de estudo das psicologias contemporâneas". Conteúdo disponível no artigo: Prado Filho, K.; Martins, S. "A subjetividade como objeto da (s) Psicologia (s)". *Psicol. Soc.* 19(3) Dez. 2007.

No que se refere a metodologia adotada neste trabalho, trata-se de uma revisão de literatura com o intuito de discutir e problematizar sobre o tema proposto. Pretende-se então, partir de um eixo principal, que se refere a compreender as transformações da sociedade na atualidade e as implicações sob a psicanálise, uma vez que se hipotetiza que sua teoria e prática podem se transformar, a medida que as sociedades se transformam também.



1. O nascimento da psicanálise

A psicanálise surge em Viena, no século XIX, por obra dos pensamentos e trabalhos de Sigmund Freud (1856-1939), médico neurologista, que desenvolveu fundamentos teóricos e práticos, o que o tornou, uma grande influência em Viena a provocar mudanças importantes no que tange a visão da sexualidade e a compreensão do sofrimento psíquico.

A cultura vienense do final do século XIX, chamada de *die alte Kaiserstadt* - A velha Cidade Imperial, o velho austro-húngaro - do qual Viena era capital - traz um notável cenário cultural, econômico e histórico, permeado por mudanças e influências.

Foi neste contexto que Freud cresceu, formou-se e produziu seus estudos psicanalíticos, observando e analisando pessoas dessa sociedade da qual também fazia parte. As influências da cultura a qual se vive, estão dadas na forma como se organiza uma sociedade e não fica distante, a influência que exerce no pensamento dos Homens de seu tempo.



O interesse de Freud pôde dar, de algum modo, continuidade as grandes transformações que ocorrera na história do tratamento das doenças da alma, como nos conta o desenvolvimento da psiquiatria no final do século XIX. Dentre as evoluções na história do tratamento da saúde mental, foi somente com Jean Martin Charcot (1825 - 1893)[2] que ocorrera a inclusão da neurose ao modelo nosográfico, tornando-a uma doença funcional. O manicômio permanecia dominante, abastado com suas misérias, gritos e agressividades, atingindo a condição de tratamentos bárbaros, sem quaisquer espaço para a fala ou para a escuta do sofrimento.

[2] Jean-Martin Charcot, foi um médico e cientista francês, clínico e professor de medicina na França.

Os estudos e a prática da psicanálise em Viena no século XIX contribuíram para uma nova compreensão da mente humana e da saúde mental. Freud, reunindo parceiros pensadores e depois seguidores, desafiaram as visões tradicionais sobre a mente e o comportamento humano, lançando uma nova luz sobre os processos psicológicos e emocionais do ser humano.

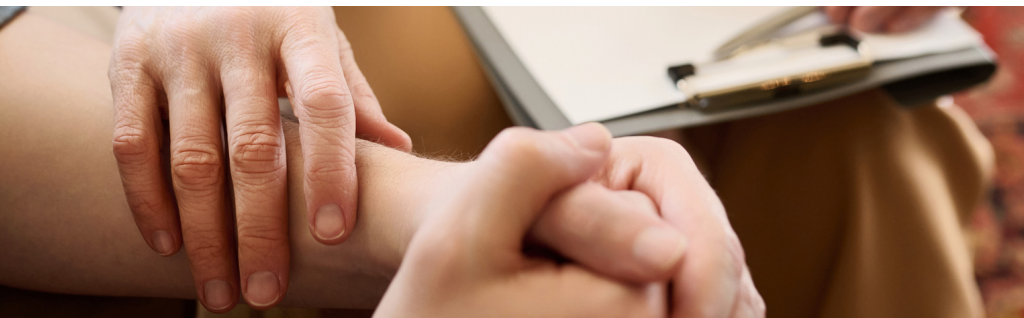
Apesar de controversa em seu tempo, a psicanálise em Viena abriu caminho para a escuta de mulheres e de todos aqueles que vivenciavam sofrimentos dos quais a ciência médica, até então, não compreendia. Ao trazer à tona a importância do inconsciente e da vida emocional interna, a psicanálise trouxe uma nova compreensão dos transtornos mentais e estabeleceu as bases para diversas abordagens terapêuticas modernas.

1.1. Sigmund Freud e a Psicanálise

A título de Freud, foram escritas dezenas de biografias, a primeira publicada ainda em vida, 1924, seguida por outras. A notada biografia escrita em três volumes por Ernest Jones foi publicada entre 1953 e 1957. Peter Gay também publicou em 1988 um trabalho em que buscou articular a vida pessoal e profissional do psicanalista e, citamos ainda aqui, os trabalhos da historiografia científica, nas quais baseia-se Elisabeth Roudinesco, com a primeira edição em 2016. Um recorte da biografia de Sigmund Freud (1856 - 1939), revela uma formação médica, ocorrida em Viena, em que seu interesse e trabalhos considerados brilhantes, conceituaram-no como pesquisador e neurólogo.

A medicina até então, obtinha seu foco quase que inteiramente nas bases biológicas, sendo os filósofos os interessados pela psicologia. A psiquiatria, em seu princípio, surgia como uma ramificação da neurologia, ganhando espaço de maneira gradativa.

Freud, como é contado por Roudinesco (2016, p. 519) "ingressou aos 17 anos (1873) na Universidade de Viena para seguir estudos científicos: anatomia, biologia, zoologia, fisiologia, medicina", iniciando sua carreira médica como um pesquisador da neurologia, investigando casos de histeria e outros distúrbios mentais. No entanto, percebeu que muitos dos sintomas físicos apresentados pelos pacientes tinham origem emocional e não consciente, levando-o a aprofundar-se nas pesquisas e no que viria a ser, o desenvolvimento de uma inovadora teoria.



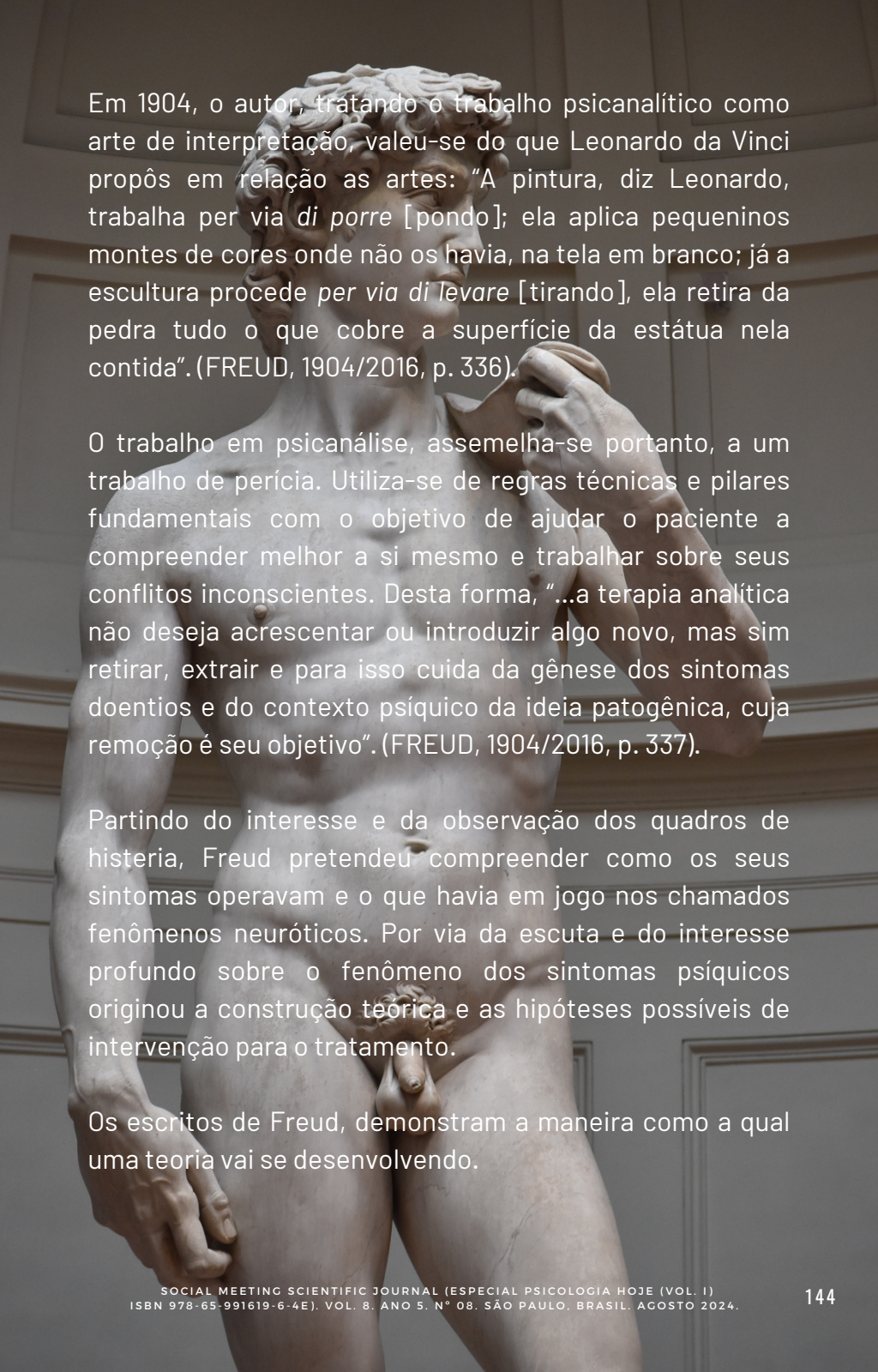
A psicanálise, como campo de estudo e prática terapêutica, foi se consolidando ao longo do tempo, através das observações e estudos clínicos de Freud e de seus colaboradores. Mudanças significativas foram feitas em suas teorias e técnicas, incluindo o desenvolvimento dos conceitos de inconsciente, repressão, complexo de Édipo, transferência, entre outros.

Além disso, a psicanálise também trouxe à tona questões sociais e culturais relevantes para a compreensão do indivíduo. Freud explorou conceitos como sexualidade, identificação, papel das imagens parentais e da sociedade na formação da psique. Suas teorias e descobertas tiveram um impacto significativo não apenas no campo da psicologia, mas também nas áreas da literatura, arte e ciências sociais.

É importante notar que a psicanálise também enfrentou críticas e controvérsias ao longo do tempo. Muitos questionaram a validade científica e a eficácia das técnicas terapêuticas, o que perdura até os dias atuais, tornando-se imprescindível a publicação de estudos e pesquisas que sustentem a prática e movimentem a teoria.

“A psicanálise é uma parte da ciência da alma, da psicologia. Também é denominada ‘psicologia das profundezas’”, descreve Freud em 1940 [1938] (p. 353). Com essa afirmação, o autor buscava concentrar sua compreensão sobre as dinâmicas inconscientes da mente, explorando os processos mentais mais profundos.

Durante todos os seus escritos, Freud desenvolveu conceitos e propôs formulações teóricas para a compreensão do funcionamento da mente humana. Concomitante a estes, destinou espaços para dar nota sobre a prática psicanalítica, abordando as críticas e as controvérsias em torno da psicanálise e suas relações com outras disciplinas como a psicologia e a filosofia.



Em 1904, o autor, tratando o trabalho psicanalítico como arte de interpretação, valeu-se do que Leonardo da Vinci propôs em relação as artes: “A pintura, diz Leonardo, trabalha per via *di porre* [pondo]; ela aplica pequeninos montes de cores onde não os havia, na tela em branco; já a escultura procede *per via di levare* [tirando], ela retira da pedra tudo o que cobre a superfície da estátua nela contida”. (FREUD, 1904/2016, p. 336).

O trabalho em psicanálise, assemelha-se portanto, a um trabalho de perícia. Utiliza-se de regras técnicas e pilares fundamentais com o objetivo de ajudar o paciente a compreender melhor a si mesmo e trabalhar sobre seus conflitos inconscientes. Desta forma, “...a terapia analítica não deseja acrescentar ou introduzir algo novo, mas sim retirar, extrair e para isso cuida da gênese dos sintomas doentios e do contexto psíquico da ideia patogênica, cuja remoção é seu objetivo”. (FREUD, 1904/2016, p. 337).

Partindo do interesse e da observação dos quadros de histeria, Freud pretendeu compreender como os seus sintomas operavam e o que havia em jogo nos chamados fenômenos neuróticos. Por via da escuta e do interesse profundo sobre o fenômeno dos sintomas psíquicos originou a construção teórica e as hipóteses possíveis de intervenção para o tratamento.

Os escritos de Freud, demonstram a maneira como a qual uma teoria vai se desenvolvendo.

Com hipóteses, observações, com refutações e modificações, mas sem perder de vista, a construção do pensamento e os sentidos produzidos pela pesquisa. Paralelo a descrição e evolução da teoria, diversas foram as maneiras pelas quais o autor buscou explicar a psicanálise ao longo de sua obra. O caráter de disciplina envolve tanto um método de produção de conhecimento quanto uma prática clínica, sendo a Psique seu objeto de estudo. Mas, carrega também uma forma de investigação a medida que se propõe a explorar o desejo inconsciente. Segundo Freud, a psicanálise é:

“um procedimento para a investigação de processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis; um método de tratamento de distúrbios neuróticos, baseado nessa investigação; uma série de conhecimentos psicológicos adquiridos dessa forma, que gradualmente passam a constituir uma nova disciplina científica”.
(FREUD, 1923/2011, p. 275).

A psicanálise tornou-se então, uma **teoria** [3] de como a mente humana opera, um **método** de tratamento para problemas psíquicos, um método de pesquisa, um campo clínico e uma **prática terapêutica** que se propõe a investigar e explicar o funcionamento psíquico e observar os fenômenos culturais e sociais. De acordo com Freud (1926/2014) “a psicanálise baseia-se firmemente na observação dos fatos da vida psíquica, por isso a sua superestrutura teórica é ainda incompleta e sujeita a constante transformação”(p. 317).

[3] Grifos nosso. Pretende destacar as distintas funções as quais se aplicam a Psicanálise.

Roudinesco (2000, p. 26) descreve que o método psicanalítico trata-se de “um tratamento baseado na fala, um tratamento em que o fato de se verbalizar o sofrimento, de encontrar palavras para expressá-lo, permite, se não curá-lo, ao menos tomar consciência de sua origem e, portanto, assumi-lo”.

O psicanalista dispõe de uma forma singular de olhar para o paciente, buscando ouvir as manifestações do inconsciente (sua premissa fundamental), compreender a dinâmica que o aparelho psíquico apresenta e articular de que maneira as dimensões psíquicas estão atreladas ao sofrimento manifesto, ou ainda nas palavras de Freud (1910/2013): “a técnica psicanalítica propõe-se (...) dar ao doente o mais irrestrito acesso ao seu inconsciente”. (p. 292).

Freud, na tentativa de descrever uma psique inconsciente, descreve “... todos os atos e manifestações que em mim percebo, e que não sei ligar ao restante da minha vida psíquica, têm de ser julgados como se pertencessem a uma outra pessoa, e devem achar esclarecimento por uma vida anímica que se atribua a esta pessoa”. (FREUD, 1915/2010, p.105-106). Trata-se de uma espécie de reino onde situamos a psique humana, onde os desejos mais profundos, os impulsos reprimidos e os conflitos residem, exercendo uma forte influência sobre o comportamento e as experiências conscientes. “Na psicanálise só nos resta declarar os processos anímicos em si como inconscientes e comparar sua percepção pela consciência à percepção do mundo externo pelos órgãos dos sentidos.” (FREUD, 1915/ 2010, p. 107).

É sobre este inconsciente, pela forma de funcionamento deste psiquismo que a psicanálise se interessa e busca acessar, pois compreende que “o sujeito freudiano é um sujeito livre, dotado de razão, mas cuja razão vacila no interior de si mesma. É de sua fala e seus atos, e não de sua consciência alienada, que pode surgir o horizonte de sua própria cura”. (FREUD, 1910/ 2013, p. 292).



Com seus princípios fundamentais, Freud buscou discutir a psicanálise pela análise dos sintomas histéricos e sua relação com as experiências traumáticas e desejos reprimidos, compreender os sonhos como expressões do inconsciente, explorar os lapsos de memória e atos falhos, investigar os mecanismos e sintomas destacando sua relação com o conflito intrapsíquico. Ou seja, buscou contribuir para o entendimento do funcionamento da mente humana e declarou:

“A suposição de que há processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e da repressão, a consideração da sexualidade e do complexo de Édipo são os principais conteúdos da psicanálise e os fundamentos de sua teoria...” (FREUD, 1923/2011, 292).

A partir dessas concepções fundamentais para a psicanálise, buscaremos articular essas bases aos processos de mudanças vivenciados pelas culturas ao longo dos tempos.

1.2. O atravessamento da cultura e das exigências que esta produz

Silvia Leonor Alonso, em seu texto intitulado “O que não pertence a ninguém... e as apresentações da histeria”, expõe a prerrogativa da apresentação sintomática das histéricas, reunindo frases e questionamentos bastante frequentes sobre o paradeiro das histéricas de Freud. Será que não mais encontramos apresentações sintomáticas como as pacientes de Charcot? Será que não há mais pacientes como as famosas pacientes de Freud, as chamadas, Ana's O ou Dora's ? “... seria possível tê-las?”, questiona.

Precisamos considerar que a cultura e o meio social influenciam na subjetividade do indivíduo, modificando também as formas de apresentações dos sofrimentos.

Pensar em determinado eixo de tempo, nos atravessamentos que cada cultura possui, inclui considerar a constituição da subjetividade atrelada ao momento histórico, as formas de sofrimentos encontradas, o avanço científico e as influências simultâneas dessas interações.

Estudos e reflexões que envolvem seres humanos, e mais precisamente, o comportamento e a mente humana, implicam a compreensão do indivíduo em suas particularidades, suas características, circunstâncias sociais e o projeto histórico implícito no desenvolvimento de uma civilização.

O Homem, que também é atravessado pela cultura e por sua vivência em sociedade, possui capacidades internas e é perpassado por aspectos externos, produzindo características únicas a partir das diversas influências sofridas. A essa propriedade, denominou-se **subjetividade** [4], aspecto fundamental para se pensar as particularidades de cada sujeito, diante de suas necessidades, capacidades e sobretudo, suas diferenças. As palavras de Roudinesco expressam a relação sujeito e subjetividade: “Se o termo “sujeito” tem algum sentido, a subjetividade não é mensurável nem quantificável: ela é a prova, ao mesmo tempo visível e invisível, consciente e inconsciente, pela qual se afirma a essência da experiência humana”. (2000, p. 52).



Socialmente incorrem mudanças políticas, econômicas e culturais, demandando exigências e reflexos que incidem sobre as relações sociais dos indivíduos. Os avanços econômicos e tecnológicos, assim como o sistema capitalista, produzem modos do sujeito se relacionar consigo e com o outro, influenciando em aspectos subjetivos que não estão dados. Sobre essa dinâmica, se faz possível refletir também as produções de sofrimento psíquico devido as condições ideais do modo de vida.

[4] Grifo nosso.

Os autores Prado & Martins (2007) no texto "A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s)" auxiliam na construção do pensamento acerca da subjetividade enquanto conceito fundamental dentro do campo PSI, implicando a ciência psicológica e o fazer psicanalítico justamente na consideração do singular, do que é próprio a cada indivíduo, buscando dar conta das diferenças. "De certa forma, a psicanálise freudiana naturaliza e essencializa a subjetividade ao considerá-la inerente ao sujeito, reproduzindo a matriz cristã da interioridade e fazendo dela um enunciado" [5].

Pensar os efeitos psíquicos, os sintomas e as patologias advindas deste contexto, propicia modos de diálogos específicos, muitas vezes distintos e/ou com particularidades próprias, em relação aos sujeitos e suas patologias de outrora. Surge a partir de então, um sujeito que carrega em si um inconsciente e um desejo, que é capaz de produzir fantasias, modos de sofrimento, que carrega consigo uma história intransferível e repleta de sentidos próprios. Este olhar inusitado para a dada época, valoriza a expressão do sofrimento humano e atribui um novo sentido ao sintoma produzido. Rompe-se então com a forma médica de atuação e manejo sobre o sintoma, entendendo-se que os sintomas seriam expressões dos conflitos vivenciados. Uma das diversas mudanças que modificam o curso do tratamento do sofrimento mental e que observa determinadas expressões da época.

[5] Conteúdo disponível no artigo: FILHO, Kleber P.; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s), Revista Psicologia & Sociedade; 19 (3): 14-19, 2007.

Crochik (1999) [6] em seu texto “Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia”, prossegue de maneira um pouco mais profunda essa reflexão. A subjetividade assim, vai sendo pensada e definida, considerando um terreno interno que se opõe ao mundo externo, mas que só pode surgir deste. Sem a formação do indivíduo, este se confunde com o seu meio social e natural. Tal subjetividade se desenvolve pela interiorização da cultura, que permite expressar os anseios individuais e criticar a própria cultura que permitiu a sua formação. Isso é devido a compreensão de que o sujeito com sua subjetividade transita em um dinamismo interno e externo, particular e coletivo, psíquico e corporal, marcado pela sociedade.

De maneira crítica, para a psicanálise se faz necessário considerar as mudanças em curso, não somente sociais e culturais, mas nas características do indivíduo que ocupa determinado contexto, conforme afirma Mario Pablo Fuks (2023, p. 79) “... é possível, ou necessário, tentar pensar essas alterações à luz das mudanças mais gerais que afetam a sociedade e conferem características peculiares à subjetividade contemporânea”.

Na atualidade, a tecnologia e os modos de produção possibilitam de um lado, inúmeros avanços e acessos, e por outro, incorrem em condições de solidão e também de crenças de que somos os únicos responsáveis por nossos sucessos e insucessos. Segundo Fuks (2023):

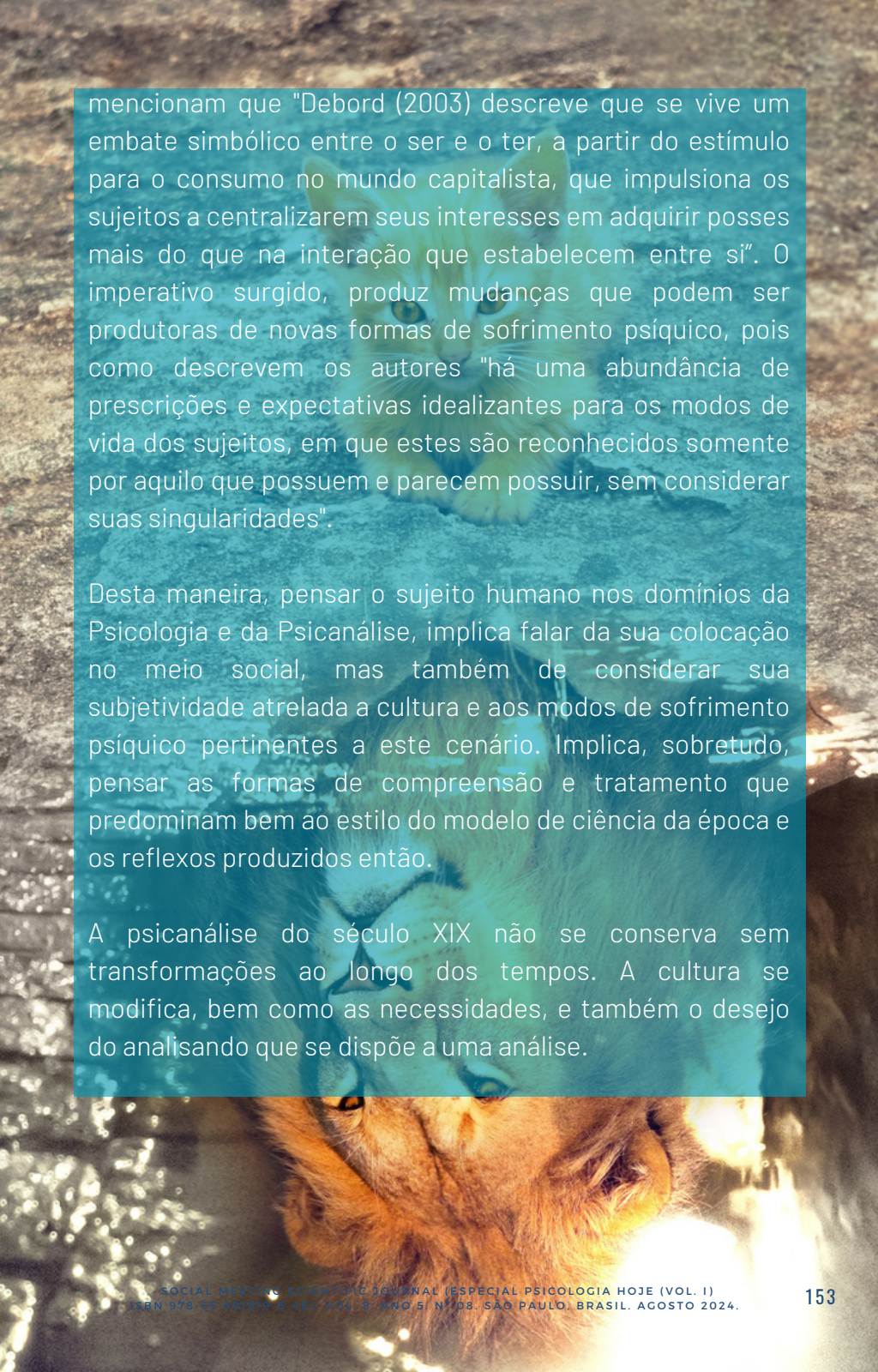
[6] CROCHÍK, José Leon. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. Artigos originais em Psicol. USP 9(2), 1999.

O que denomina “cultura pós-moderna” gira em torno de um neoindividualismo exacerbado e hedonista, associado a uma subjetividade consumista e que, desde os primeiros trabalhos de Christopher Lash (1983) referidos ao assunto, considera-se frequentemente como narcisista. Ser homem implica, nesta cultura, ser reconhecido como imagem por outro que também o é. O consumo requer um espectador ou testemunha. (FUKS, 2023, p. 87).

Há ainda, um estado permanente de incerteza, a busca por gozo absoluto, por satisfação imediata, busca por respostas rápidas no mesmo compasso que a velocidade das redes sociais e midiáticas proporcionam. Reduz-se assim, os espaços para a contemplação, para o sentir, para a pausa, para a falta, entre tantos outros aspectos vitais para um equilíbrio saudável. Experiências estas, que requerem tempo.

Considerar que não somos os mesmos do século XIX e que tão pouco, somos atravessados pelas mesmas condições sociais da época, incide na necessidade de olhar para as transformações dadas até aqui. Talvez seja essa uma maneira de compreender quais são os sintomas sociais produzidos atualmente e as necessidades demandadas pelos sujeitos em suas formas de adoecimento.

O imperativo de estar bem permanentemente, feliz, produzindo, conquistando, fazendo acontecer a todo e qualquer custo, não se dá sem danos. O mal estar passa a ser crucificado, a ser considerado como disfuncional, necessitando ser eliminado, curado, banido. Pensando as mudanças ocorridas na pós modernidade e os modos de estar nesta cultura, os autores Feliciano e Peixoto (2019)



mencionam que "Debord (2003) descreve que se vive um embate simbólico entre o ser e o ter, a partir do estímulo para o consumo no mundo capitalista, que impulsiona os sujeitos a centralizarem seus interesses em adquirir posses mais do que na interação que estabelecem entre si". O imperativo surgido, produz mudanças que podem ser produtoras de novas formas de sofrimento psíquico, pois como descrevem os autores "há uma abundância de prescrições e expectativas idealizantes para os modos de vida dos sujeitos, em que estes são reconhecidos somente por aquilo que possuem e parecem possuir, sem considerar suas singularidades".

Desta maneira, pensar o sujeito humano nos domínios da Psicologia e da Psicanálise, implica falar da sua colocação no meio social, mas também de considerar sua subjetividade atrelada a cultura e aos modos de sofrimento psíquico pertinentes a este cenário. Implica, sobretudo, pensar as formas de compreensão e tratamento que predominam bem ao estilo do modelo de ciência da época e os reflexos produzidos então.

A psicanálise do século XIX não se conserva sem transformações ao longo dos tempos. A cultura se modifica, bem como as necessidades, e também o desejo do analisando que se dispõe a uma análise.

2. As permanências e as modificações.

Como uma necessidade de se lançar um olhar para as patologias prevalentes na atualidade, esclarecer a noção de psicopatologia nos parece fundamental. Paulo Roberto Ceccarelli (2003) descreveu que "o termo "psicopatologia" encontra-se associado a um grande número de disciplinas que se interessam pelo sofrimento psíquico". No entanto, a compreensão e a articulação entre essas, não ocorre da mesma forma.

"A área da saúde mental, seja na clínica privada, nos hospitais ou nas instituições, é particularmente suscetível às conseqüências, por vezes catastróficas, do confronto das diferentes compreensões clínico-teóricas do pathos". (CECCARELLI, 2003, p. 17).

A psicopatologia é um campo de estudos que trata da natureza da doença mental, as mudanças decorridas dela e suas manifestações. Por especificações, distinguem-se a psicopatologia geral de psicopatologia psicanalítica, áreas que se propõe a compreender a esfera mental a partir de suas próprias lentes, distinguindo-se como descrito por Pereira (2021, p. 502): "Vertentes mais humanistas, ou mesmo psicanalíticas, tendem a "despsiquiatrizar" a "psicopatologia", referindo-a não mais à objetividade da natureza (da *Physis*), mas agora ao âmbito fortemente subjetivo do "sofrimento psíquico". Sob essa ótica, a "subjetividade" e a própria noção de "sujeito" são convocadas ao centro da elucidação racional do pathos humano.

Psicólogos e psiquiatras observam os mesmos fenômenos a partir de suas respectivas óticas, especificando, entre outros aspectos, a leitura dos fenômenos e a forma de compreensão de cada fenômeno. Buscando investigar as origens inconscientes dos sintomas e compreender as dinâmicas internas que contribuem para o sofrimento psíquico do sujeito, a psicanálise encontra sua maneira singular de estar neste campo.

Como mencionado por Pereira (2021, p. 502): "essas perspectivas que se propõem a estudar o pathos sob a ótica da subjetividade não implicam, necessariamente, a adoção de uma teoria "psicogênica" da "doença", fosse ela qualificada ou não de "mental". Ou seja, refere-se a priorizar o fenômeno do adoecimento sob o prisma da subjetividade.

O que está em jogo para a psicanálise é sobretudo observar as particularidades e a individualidade, o que envolve entender como as experiências de vida, as crenças, as relações, os traumas e outros fatores subjetivos podem afetar a percepção e a vivência de cada sujeito.

Manoel Berlinck (1999, p. 9), em seus estudos sobre a psicopatologia escreve: "O desamparo, que se manifesta de forma tão evidente em nossas clínicas em praticamente todos os casos que tratamos, não tem somente referências às condições de vida contemporâneas." Ocorre que o mundo contemporâneo propõe exigências e conduzem a um ritmo acelerado que dispensam qualquer necessidade que empreguem "tempo". Com essa nova roupagem surgem indagações como:

“Certo tipos de quadros que vemos hoje na clínica expressam novos modos de produção de subjetividade ou apenas vicissitudes de formas conhecidas de subjetivação, novas roupagens para problemáticas já estudadas pela psicanálise?” (FUKS, 2023, p. 240)

Objetividades, delimitação de tempo, efetividade e eficácia são os grandes eixos que norteiam as escolhas da população geral, refletindo inclusive nos espaços dos consultórios médico/ terapeuta e, muitas vezes, sendo preditores para a escolha de uma abordagem terapêutica, não só dos pacientes, mas como dos profissionais médicos que encaminham seus pacientes para a terapia.

Em “O Mal-Estar na Civilização”, texto publicado em 1930, Freud explorou a tensão entre as pulsões individuais e as demandas da sociedade civilizada. Buscou examinar como a civilização impõe restrições aos desejos humanos, levando a um conflito interno que pode resultar em angústia e insatisfação. “O trabalho psicanalítico nos ensinou que são justamente essas frustrações da vida sexual que os indivíduos chamados de neuróticos não suportam.” (FREUD, 1930/2010, p. 70).



Pensar em como as civilizações precisam encontrar formas para suportar a vida, nos faz refletir em alguma instância sobre o sentido das diversões, das satisfações substitutivas, a relação com as drogas, etc, e nos faz questionar: o que o Homem procura?

O processo civilizatório nos organiza, restringe, limita. Precisamos aprender a adiar as satisfações e negociar nossos impulsos, renunciar a vida pulsional, assim como Freud afirmou: "... o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônoma do ser humano, e retorno ao que afirmei antes, que a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo". (FREUD, 1930/2010, p. 90).

Tudo isso se articula com a vivência da incompletude, com a necessária experiência de castração que nos ensina que não se pode tudo, a todo tempo, a qualquer modo e também com os recursos que se busca para suprir algum modo de satisfação diante do mal estar.

De maneira bastante incipiente, é a partir do nascimento que o bebê entra em contato com o jogo satisfação / insatisfação ao qual precisará aprender a lidar. São experiências que serão como protótipos para o nosso modo de relação com o outro e com a vida posteriormente.

O psiquismo como instância temporal, exerce um necessário trabalho para representar os objetos que nos falta, ou seja, o psiquismo trabalha sempre nesta tentativa de equilíbrio.

A felicidade, busca incansável do Homem, requer negociação, exige a compreensão de que não se vivencia a felicidade a todo tempo. Aliás, essa é uma experiência individual e bastante subjetiva, mas que sofre influências da cultura que tem seus imperativos lançados e precisam ser alcançados. Pedro Salem (2017), que analisou a busca permanente por novos desejos como forma de mobilizar a mente e o corpo, apontou para o excesso de desejo presente na contemporaneidade, "tornando os homens tão miseráveis quanto a sua falta, denominada tédio" (SALEM, 2017, p. 25). Vale lembrar que os modos de produção e de consumo estão intrinsecamente ligados e desempenham papéis cruciais na organização e funcionamento das sociedades humanas. Uma sociedade de consumo é uma sociedade em que a aquisição e o consumo de bens e serviços desempenham um papel central na vida das pessoas e na economia. Se instala de maneira presente na vida cotidiana das pessoas, afim de satisfazer necessidades, expressar identidade e buscar felicidade, empregando um perfil para o homem moderno. Sobre isso, Birman (2021, p. 163) menciona uma expressiva frase de Debord "os homens se parecem mais com seus tempos que com seus pais".

A era digital, compreendendo os recursos audio visuais, transmidiáticos, interativos e de conexão, atravessa as presentes gerações desde os anos iniciais de vida e carregamos conosco as exigências de uma era tecnológica que, se por um lado, rompe fronteiras e permite acessos, por outro, exige reflexões críticas e desvencilhamentos que são postos pela aproximação que o virtual estabelece.

A era digital, compreendendo os recursos audio visuais, transmidiáticos, interativos e de conexão, atravessa as presentes gerações desde os anos iniciais de vida e carregamos conosco as exigências de uma era tecnológica que, se por um lado, rompe fronteiras e permite acessos, por outro, exige reflexões críticas e desvencilhamentos que são postos pela aproximação que o virtual estabelece. Não se pretende negar a tecnologia e o âmbito virtual, ele está posto e possui valiosa importância. O que se aspira aqui é produzir reflexões para a forma que se faz uso destes recursos e as produções encontradas pela ausência de pensamento crítico.

Quando se pensa nos desafios da contemporaneidade e a presença das telas, encontra-se desde o final da década de sessenta o trabalho desenvolvido por Guy Debord em seu livro "La Société du Spectacle" publicado pela primeira vez em 1967. Neste, ele já propunha uma crítica rigorosa sobre consumo, sociedade e capitalismo, especialmente sobre o papel dominante da mídia e da cultura, argumentando que elas alienam os indivíduos e promovem uma falsa consciência, modificando inclusive a relação do sujeito com o tempo, "o tempo da sobrevivência moderna, no espetáculo, gaba-se tanto mais alto quanto mais o seu valor de uso se reduz. A realidade do tempo foi substituída pela publicidade do tempo". (DEBORD, 2003, p.125) Considerou ainda como o capitalismo avançado transforma todas as interações humanas em mercadorias e espetáculos, levando à alienação e à perda da autenticidade nas relações sociais.

Neste modo de se estar com o outro, Zygmunt Bauman, cunhou o conceito 'sociedade líquida' trabalhando em diversos livros aspectos e reflexos na vida humana. Em seu livro "Modernidade Líquida", publicado em 1999, refletiu sobre o imediatismo, acarretando profundas mudanças em todos os aspectos da vida. Bauman argumenta que vivemos em uma sociedade caracterizada pela liquidez, onde as instituições, identidades e relações estão se tornando cada vez mais fluidas, flexíveis e voláteis. Considera que fenômenos como globalização, individualismo, consumo e tecnologia contribuem para este estado de liquidez, resultando em incertezas, instabilidades e inseguranças na vida das pessoas. Por essa perspectiva e pensando no que há de mais contemporâneo - as redes sociais - a socióloga brasileira Paula Sibilia aborda a forma como a intimidade pessoal se tornou um espetáculo na era da mídia e da tecnologia. Sibilia (2016) explora como as redes sociais, entre outras formas de mídia, influenciam a maneira como as pessoas compartilham e constroem suas identidades.

As redes sociais estão a serviço do lazer e como ferramenta de trabalho, produzem interação, mas também mascaram a alienação produzida pela busca excessiva da satisfação. Analisa ainda, como a exposição pública da vida privada pode afetar as relações humanas e a noção de individualidade na sociedade contemporânea. A notar: "A visibilidade e a conexão sem pausa constituem dois vetores fundamentais para os modos de ser e estar no mundo mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos (...)" (SIBILIA, 2016, p. 21).

Reunindo estes aspectos intrínsecos a sociedade atual, constrói-se um questionamento: de que forma tais modos de estar e viver na contemporaneidade afetam a saúde mental das pessoas?



2.1. Formas de adoecimento na atualidade

Uma importante declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), datada em 17 de junho de 2022 [7], oferece um contexto bastante atual em que em sua maior revisão mundial sobre saúde mental, pôde afirmar os impactos sofridos com a pandemia mundial vivenciada a partir de 2020 pela Covid -19.

[7] Site OPAS: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-6-2023-saude-mental-deve-estar-no-topo-da-agenda-politica-pos-covid-19-diz-relatorio-da>

Ainda mais recente, em 2023, o diretor da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Jarbas Barbosa, pediu que a saúde mental seja tomada como prioridade, afim de enfrentar o agravamento das condições de saúde mental nas Américas devido à pandemia. Em uma coletiva de imprensa, afirmou: “A saúde mental dos povos das Américas foi gravemente afetada pela pandemia da COVID -19 e por seus efeitos em nossas vidas, economias e sociedades”[8].

No mesmo relatório, pode-se dar nota de um contexto histórico em que a saúde mental é considerada um fator significativo de incapacidade e mortalidade. Assim, quanto a pandemia da Covid-19, houve um aumento ainda maior dos fatores de riscos para problemas de saúde mental, incluindo desemprego, insegurança financeira, luto e perdas. Mas sobre qual cenário a pandemia se instalou? O que se tem anterior a isto, são inúmeras condições de adoecimentos com taxas expressivas como os transtornos depressivos e de ansiedade, considerados como a terceira e a quarta principais causas de deficiência. Com o impacto da pandemia estes quadros sofreram um aumento em mais de 25% apenas no primeiro ano de pandemia(OMS, 2022).

Ainda segundo a OMS, de maneira mais específica, aponta-se que em 2020, durante a pandemia da COVID -19, os transtornos depressivos maiores aumentaram em 35% e os transtornos de ansiedade em 32%.

[8] Conteúdo disponível no relatório citado.

Sobre a pandemia, Joel Birman (2022, p. 190) adverte: "além das mortes, é preciso destacar ainda como marca crucial desta catástrofe sanitária os efeitos em médio e longo prazos na saúde somática e na saúde psíquica dos sujeitos que sobreviveram". Isso nos conduz a pensar no que o autor chamou de "sequelas" da pandemia, uma problemática oriunda da experiência vivenciada e da qual precisaremos lidar com as consequências dos registros psíquicos produzidos. O autor reúne de um lado, os reflexos no campo social e sanitário e do outro, os registros da singularidade e da coletividade que se conjugam intimamente, sendo a singularidade psíquica, ou seja, os efeitos psíquicos da pandemia, o recorte de interesse dos psicanalistas (BIRMAN, 2022, p. 192).

São diversas as mudanças que ocorrem ao longo dos tempos e atravessam as contemporaneidades. Culturas e sociedades são permeadas por adventos que as transformam, impactando a subjetividade que também sofre transformações. A contemporaneidade foi compreendida por Birman (2007), como uma exacerbação e exaltação da individualidade sustentado por Lasch e Debord, que caracterizou, respectivamente, como cultura do narcisismo e sociedade do espetáculo. Birman ainda, propõe que o contemporâneo é caracterizado por uma intensificação das crises sociais, também políticas e individuais, refletindo em transformações na sociedade e na subjetividade humana. Neste sentido, o contemporâneo é marcado pelo individualismo, pela fluidez, pela fragilização das relações sociais, entre outras marcas que produzem novos desafios.

Os indivíduos dos tempos atuais, experienciam também modificações que se relacionam com as transformações tecnológicas e científicas do mundo pós moderno. Bauman (2021) já mencionava consequências e sentimentos como incertezas, inseguranças, ansiedades, medos, frente as relações em uma reflexão crítica sobre estar com o outro.

Diante das urgências de um mundo que não despende mais de tempo, onde tempo é dinheiro e a otimização de tempo, é o que é de mais precioso, a psicanálise surge na contramão do que se é vendido e realçado. Assim, muitas vezes, é apontada como uma prática ultrapassada, algo vetusto, superada pelos avanços da medicina e pelo surgimento de novas técnicas psicoterápicas.



A clínica psicanalítica expandiu as demandas clínicas a tipos de sofrimento distintos dos que inauguraram sua história. Embora os sintomas histéricos não tenham deixado de existir, encontramos demandas como o tedium vitae e as depressões (essa última indicada como a doença do século). Há ainda, números expressivos de diagnósticos como ansiedades, síndromes de pânico, as desatenções e hiperatividades, autismo, etc compondo a clínica cotidiana e nos fazendo refletir sobre o mal estar de cada tempo.

Em tempos em que se vive sobre o regime da aceleração, da velocidade aumentada, em que o dinamismo quase não toca ao chão, a fragilidade dos espaços, das relações e emoções parecem produzir dificuldades. "A fuga da angústia ante os enigmas, as incertezas, as paixões ou as perdas de amor que a alteridade e a intersubjetividade podem acarretar tem uma presença quase universal nas patologias da contemporaneidade". E o autor prossegue:

Obviamente, são produzidas depressões; mas são depressões sem luto, com manifestação de sensações mais do que de emoções, empobrecimento da fantasia e da imaginação e falta de transferência, que nos faz pensar em um efeito cumulativo de perdas que não foram vivenciadas como tais porque os objetos sucessivos não parecem ter sido investidos, mas consumidos. (FUKS, 2023, p. 89).

Desta maneira, evidencia-se como fatores como a aceleração do ritmo de vida, a tecnologia, as pressões sociais e a fragmentação das relações humanas podem contribuir para o surgimento de sintomas psicológicos e emocionais, sendo de extrema relevância compreender esses fenômenos e as possíveis associações que se pode fazer entre o modo de sofrimento e os aspectos da vida moderna.

A sociedade narcísica atual, expressa seus aspectos corruptos, perversos, exigentes, etc. Uma sociedade que estimula a competição, repleto de arrogância, solidão e inibindo a afetividade. A baixa tolerância a frustração, intolerâncias com os outros, ausência de sentido de vida, esvaziamento e silenciamento dos próprios desejos são expressões constantes da atualidade e que requer um olhar atento na prática clínica do terapeuta.

A contemporaneidade apresenta antigos e atuais sintomas, mudanças sociais e subjetivas que exigem um constante retorno à si, convocando a uma reflexão sobre a dimensão clínica e sobre suas possibilidades de intervenção.

3. A clínica psicanalítica e seus desafios

As demandas presentes na clínica refletem um quantum dos aspectos em evidência na sociedade. Há hoje uma dinâmica voraz, desejosa de felicidade plena e por uma satisfação constante, que evita e se faz incapaz de tolerar frustrações. O imediatismo, a intolerância para o adiamento de satisfação e o protótipo de uma condição ideal são situações que, acopladas a um interno frágil, desamparado e repleto de limitações, potencializam um farto sofrimento emocional. Desde o século XIX, críticas a psicanálise sempre existiram. Freud, em seus trabalhos mencionava os incômodos que circulavam em torno da teoria: "Para muitos médicos, ainda hoje a psicoterapia é um produto do misticismo moderno e, comparada a nossos meios terapêuticos físicos-químicos, cuja aplicação se baseia em conhecimentos fisiológicos, parece francamente, não científica(...)" (FREUD, 1905/2016, p. 333).

Após mais de um século, as críticas permanecem e dito por Roudinesco (2000, p. 35) "A psicanálise parece ser ainda mais atacada hoje em dia por haver conquistado o mundo através da singularidade de uma experiência subjetiva que coloca o inconsciente, a morte e a sexualidade no cerne da alma humana".

A princípio, houve o espanto causado pela nova teoria da época, sua inovação e a quebra de paradigmas que esteve presente em sua construção. Depois a contestação sobre sua prática, sendo questionada por seu suposto caráter não científico. “A relação da psicanálise com a ciência é um tema pertinente desde a emergência da psicanálise como uma prática clínica”. (BEER, 2022, p. 17). Embora seja notável o fato de que tal discussão tenha atravessado mais de um século e se mantenha em vigor, hoje, podemos acrescentar as discussões, a importância de não deixarmos de lado a complexidade do comportamento humano e do sofrimento psíquico nas pesquisas realizadas.

As categorias avaliativas buscam comparar e avaliar sintomas semelhantes por meio das ciências naturais e as ciências humanas buscam com os métodos qualitativos diferenciar os objetos de uma pesquisa, singularizar e pensar os possíveis vies. Trata-se de uma discussão importante reunindo “questões tanto para a psicanálise como para áreas afins, como a psicopatologia, a saúde mental, a psiquiatria, etc”. (BEER, 2022, p. 17) Portanto, a participação da psicanálise nas discussões de modo que se posicione com seus princípios éticos e produza contribuições para as áreas afins torna-se essencial.



Um outro aspecto presente são os questionamentos sobre o tempo de duração do processo terapêutico, sendo considerado um processo que exige demasiado tempo ou mesmo criticado por não possuir um tempo pré-determinado. Sobre isso Roudinesco colabora "... com o desenvolvimento de uma abordagem liberal dos tratamentos, que submete a clínica a um critério de rentabilidade, as teses freudianas foram julgadas "ineficazes" no plano terapêutico: o tratamento, dizia-se, era longo demais e dispendioso demais". (2000, p. 47).

Se o imperativo do tempo é algo tão presente em nossa sociedade, se precisamos apresentar performances dos diversos papéis esperados dia após dia para corresponder ao slogan: tempo é dinheiro... como se interessar por uma prática que caminha na contramão, que exige e valoriza o tempo de uma outra forma?

De maneira crítica, Roudinesco articula o movimento e as transformações das áreas de cuidado a saúde mental, produzindo - segundo sua reflexão - pessoas mais esvaziadas de si:

Quer se trate de angústia, agitação, melancolia ou simples ansiedade, é preciso, inicialmente, tratar o traço visível da doença, depois suprimi-lo e, por fim, evitar a investigação de sua causa de maneira a orientar o paciente para uma posição cada vez menos conflituosa e, portanto, cada vez mais depressiva. (ROUDINESCO, 2000, p. 41).

Roudinesco (2000, p. 48) diz que "na medicina científica, a eficácia apóia-se no modelo sinais-diagnóstico-tratamento", ou seja, a um modelo em que a Psicanálise não

parece corresponder, por compreender a relação 'sintoma - doença' de uma outra forma, por buscar implicar o sujeito em seus próprios sofrimentos e por trilhar um tratamento muito particular a cada sujeito e não estritamente as nosografias identificadas. Dessa maneira a psicanálise transita na contemporaneidade por territórios muito distintos do que vem sendo buscado, avaliado como padrão ouro de tratamento, mantendo-se no centro de debates, produzindo questionamentos e também, sendo questionada. Tal como a reflexão lançada por Roudinesco (2000, p. 36): "Que aconteceu para que, ao mesmo tempo, ela esteja tão presente nos debates sobre o futuro do homem e seja tão pouco atraente aos olhos dos que a consideram envelhecida, ultrapassada e ineficaz?"

Apesar do desafios que encontra, a psicanálise oferece e sempre ofereceu oportunidades para uma compreensão mais profunda da experiência humana assim como Freud em 1905 a descreveu: "Essa terapia, então, baseia-se no entendimento de ideias inconscientes - ou melhor - a natureza inconsciente de determinados processos psíquicos - são a causa imediata dos sintomas patológicos". [9].

Por certo que o psicanalista possui a intenção de ajudar seus pacientes a explorar e compreender os aspectos inconscientes de suas vidas, promovendo conhecimento de si, crescimento pessoal e conciliação com seus conflitos emocionais.

[9] Conteúdo disponível no artigo: FREUD, S. Psicoterapia (1905). Obras completas. Vol. 6, São Paulo: Cia das letras. 2016, p. 344.

Cria-se um espaço terapêutico para que, com segurança e acolhimento, os pacientes possam expressar seus sofrimentos, suas dúvidas e inseguranças. O analista pretende compreender o modo de funcionamento daquele que atende, seus pensamentos e comportamentos afim de auxiliá-lo na saída do que o faz sofrer. Mas, o que mais? Para Garcia-Roza (2018) a técnica psicanalítica consiste em descobrir o desejo ocultado pelo discurso, desejo esse que se constituiu na primeira infância, mas se mantém oculto diante da carga de interdições sofrida. Um psicanalista pretende ouvir o desejo (ICS) de seu analisando. E que desejo seria este que circunda o sujeito?

A noção de desejo em psicanálise, refere-se a uma força motriz que coloca o sujeito em constante movimento. De acordo com Laplanche & Pontalis " [...] O desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação". (2001, p. 113).

O desejo, segundo Freud, é desconhecido para o sujeito. Assim, a investigação das moções de desejos que provocam movimentação interna é fundamental no processo psicanalítico afim de compreender o que move cada sujeito. Para Freud "[...] apenas um desejo é capaz de impelir nosso aparelho psíquico ao trabalho" (1900/2014, p. 595), o que nos permite considerar a importância do desejo do analista dentro de um processo terapêutico. A noção de desejo em Freud, permite revelar a força imposta pelos conteúdos advindos do inconsciente e assim, considerar que o encontro dado entre paciente e psicanalista, requer atenção e cuidado permanente.

O desejo do analista se vê em posse de sustentar o lugar de vazio e ouvir atentamente as lacunas preenchidas com todas as idiossincrasias existentes, mas sobretudo, garantir a quem é escutado, uma pronúncia vocal no mundo.



4. A Psicanálise e a pós modernidade

O “mal estar” presente em cada cultura é o eixo central para pensarmos as formas de adoecimento que irá se expressar em cada momento cultural. Pensar as depressões, as ansiedades patológicas, síndrome do pânico, estados psicóticos entre outros grupos diagnósticos muito presentes em nossa contemporaneidade se faz de maneira necessária. Assim como houveram mudanças com os teóricos pós freudianos ampliando a técnica e expandindo as possibilidades clínicas e terapêuticas, também houveram mudanças nos quadros de sofrimentos apresentados. Freud afirmou que “A psicanálise realmente é uma terapia como as outras. Tem seus triunfos e suas derrotas, suas dificuldades, restrições, indicações” (1933/2010, p.315), mas ampliou seus conhecimentos e buscou ao longo das décadas pensar as mudanças sociais e clínicas acompanhadas de suas representações sintomáticas.

Deste modo, o tripé da psicanálise parece ser o que há de fundamental para essa prática. A análise pessoal, os estudos teóricos e a supervisão constituem as pedras angulares que determinarão as condições indispensáveis para pensar o seu lugar enquanto sujeito, distinguindo-se do outro e produzindo estudos.

A necessária permanência de equilíbrio também é discutida quanto aos recursos lançados para os tratamentos oferecidos. Quando a isso Roudinesco critica: “deveria ter-se mantido um equilíbrio entre o tratamento por psicotrópicos e a psicanálise, entre a evolução das ciências do cérebro e o aperfeiçoamento dos modelos significativos de explicação do psiquismo. Mas não foi o que aconteceu”. (2000, p. 46).

Dado este cenário, nos parece essencial que a psicanálise possa refletir e sustentar o seu papel diante de cada mudança histórica, reforçando seu papel e objetivos angulares diante do sofrimento humano e manter-se crítica e atual a cada tempo. Sobre essas condições, à psicanálise cabe “ser capaz de dar uma resposta humanista à selvageria surda e mortífera de uma sociedade depressiva que tende a reduzir o homem a uma máquina desprovida de pensamento e de afeto”. (ROUDINESCO, 2000, p. 70). Talvez seja essa a maior colaboração que a psicanálise possa oferecer a contemporaneidade, a sustentação de uma compreensão humanista, que compreende os limites intrínsecos a condição humana, sem perder de vista o valor que sempre lhe fora atribuído.

Considerações finais

Esse estudo propõe reflexões críticas sobre os padecimentos humanos e sob aquilo que nos faz sofrer, que, repensadas a partir dos estudos freudianos, possibilita um avanço da história ao encontro da contemporaneidade.

Não é possível desprezar as influências culturais e sociais que atravessam o indivíduo em sua dimensão de ser, pensar e sentir. Os reflexos na forma de se relacionar consigo e com os outros carregam as impressões destes aspectos como digitais no psiquismo.

São diversos os estudiosos que, de maneira independente ou isolada, se propuseram a pensar temas como cultura, o sofrimento humano e a Psicanálise. Reunir esses três assuntos para a compreensão das formas de ser e adoecer é uma tentativa de contribuir e acrescentar, sem jamais reduzir. Como dito por Luis Cláudio Figueiredo (2009) "no contexto atual, o que se espera e procura é que a psicanálise, retomada incessantemente e reinventada a cada dia, volte e venha a ser "a novidade que não envelhece apesar do tempo".



Referências

- ALONSO, Silvia Leonor. O que não pertence a ninguém ... e as apresentações da Histeria. In: A clínica conta histórias de Lucia Barbero Fuks. Psychê, vol. VI, n. 9, 225-230, 2002.
- ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, Mario Pablo. Histeria. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BACKES, Carmen (org.) A clínica psicanalítica na contemporaneidade. Fonte digital: <https://static.scielo.org/scielobooks/ckhzg/pdf/costa-9788538603870.pdf>. Porto Alegre: UFRGS, 2017
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BEER, Paulo. Psicanálise e ciência. Um debate necessário. São Paulo: Blucher, 2022.
- BERLINCK, M. T. Catástrofe e representação. Notas para uma teoria geral da Psicopatologia Fundamental. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 2, n.1, p. 9-34, mar. 1999.
- BIRMAN, J. Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BIRMAN, J. Trauma e Subjetivação na pandemia. Rev. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 54.1, p. 189-201, 2022.
- CECCARELLI, P. Roberto. A contribuição da Psicopatologia Fundamental para a Saúde Mental. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., VI, 1, 13-25, mar. 2003
- CROCHÍK, José Leon. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. Artigos originais em Psicologia. USP 9 (2), 1999.
- DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Fonte digital: www.geocities.com/projetoperiferia. São Paulo, coletivo periferia, 2003.
- DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. Revista: Produção, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004.
- FELICIANO, Patricia de L. Q.; PEIXOTO, Tereza C. A construção da subjetividade na pós-modernidade: uma revisão de literatura. Pretexto - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v.4, n.8, jul./dez., 2019.
- FIGUEIREDO, L. C. A mente do analista. São Paulo: Escuta, 2021.

- FIGUEIREDO, L. C. As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea. 3 ed. São Paulo. Escuta, 2020.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. J. psicanal., São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 19 mar. 2024.
- FIGUEIREDO, L. C. Revista Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, n.07, Jan/Fev/Mar 2009 Disponível em: www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php
- FREUD, Sigmund. (1900) A Interpretação dos Sonhos. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.
- — (1901). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: L&PM Editores, Porto Alegre – RS, 2017.
- — (1904) O método psicanalítico de Freud. Obras completas. Vol. 6, São Paulo: Cia das letras, 2016.
- — (1905) Psicoterapia. Obras completas. Vol. 6, São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- — (1910) As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. Obras completas. Vol. 9, São Paulo: Companhia das letras, 2013.
- — (1915) Os instintos e seus destinos. Obras completas. Vol. 12, São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- — (1916-1917) Conferências Introdutórias. Vol. 13, São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- — (1923) “Psicanálise” e “Teoria da libido” [dois verbetes para um dicionário de sexologia, 1923]. Obras completas. Vol. 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- — (1926) Psicanálise. Obras completas. Vol. 17, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- — (1930) O mal-estar na civilização. Obras completas. Vol. 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- — (1933) Novas conferências introdutórias à psicanálise. Obras completas. Vol. 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- — (1940 [1938]) Compêndio de Psicanálise. Obras completas. Vol. 19, São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- FUKS, M. P. Psicopatologia psicanalítica e subjetividade contemporânea. São Paulo: Blucher, 2023.

- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. Freud e o Inconsciente. 29 reimpressão da 2 edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 7 Ed. São Paulo. Atlas, 2022
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GLEICH, Paulo. A psicanálise foi superada? Nov. 2016. Acessado em 05 de jan. 2024.
- GREEN, A. A loucura privada: Psicanálise de casos-limite. São Paulo: Escuta, 2017.
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean Bertrand. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- MACEDO, M. M. Kother; SILVA, C. Moreira. O método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos. Revista: Ciência e Profissão, v.36, n.3, 520-533, Jul/Set. 2016.
- MEZAN, Renato. O tronco e os ramos. Estudos de história da psicanálise. 2 edição. Ed. Blucher, 2019.
- MEZAN, Renato. Pesquisa em Psicanálise: Algumas reflexões. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 39(70): 227-241, jun. 2006.
- MEZAN, Renato. Tempo de Muda: Ensaio de psicanálise. São Paulo: Companhia da letras, 1998.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/9-6-2023-saude-mental-deve-estar-no-topo-da-agenda-politica-pos-covid-19-diz-relatorio-da>. Acesso em: 22 de março de 2024.
- PEREIRA, M. E. Costa. A psicopatologia sob a perspectiva do sujeito singular. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 24(3), 501-508, set. 2021.
- PRADO, Filho, K.; Martins, S. A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). Revista: Psicologia & Sociedade: 19(3): 14-19, 2007.
- ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ROUDINESCO, Elisabeth. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SALEM, Pedro. Entre o lirismo e desespero: variações sobre os sentidos do tédio. Revista Brasileira de Psicanálise. Tédio. Volume 51, nº 3: 19-35, 2017.

- SIBILIA, M. P. (2014) Palestra Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=us2ZiXBhwp>. Acesso em 06 de janeiro de 2023.
- SILVA, Clarice M. Da; MACEDO Mônica M. K.; O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatos Clínicos. Artigo: Psicol., Ciênc. Prof. (Impr.) 36(3) Jul-Set. 2016.

